



**Monitores:** A disciplina conta com um monitor PAE, Ana Borella, doutoranda do programa de pós-graduação em arqueologia do MAE-USP (<https://sites.usp.br/ppgarqmae/>). Todas as questões logísticas e operacionais devem ser encaminhadas para ela através do e-mail [contato.laaae@usp.br](mailto:contato.laaae@usp.br). Além disso, o monitor é arqueóloga experiente e erudita, com participação ativa em inúmeros projetos de pesquisa. Ela estará disponível 10 minutos antes do início das aulas, para dúvidas ou trocas de conhecimento, mediante agendamento prévio.

O docente responsável pela disciplina é coordenador do Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva. Quem tiver interesse em estagiar com nossa equipe de pesquisa ou conhecer mais sobre o nosso trabalho: <https://sites.usp.br/laaaef/>

### Avaliação e Frequência

**Teste de Verificação de Leitura (TVL):** Para cada aula está prevista a leitura de dois textos, que em conjunto somam aproximadamente 50 páginas. Em toda aula será realizado um Teste de Verificação de Leitura (TVL) para um dos dois textos de leitura obrigatória. O TVL será realizado antes do intervalo. O TVL é composto de quatro questões de múltipla escolha e deve ser respondido em, no máximo, 10 minutos. Os TVLs com as três notas mais baixas serão descartados e não farão parte da soma para a nota. **ATENÇÃO:** A entrega dos TVLs é necessária para registro de presença.

**Provas:** Serão realizadas duas provas múltipla escolha sem consulta. A prova tem duração de 90 minutos. É proibido o uso de telefone celular durante a prova. Cada prova irá incluir o conteúdo ministrado até a semana anterior à prova. O conteúdo cobrado na Prova 1 não será cobrado na Prova 2. Casos de plágio resultam na anulação de ambas as provas e denúncia ao comitê de ética da USP.

**Seminário 'Pecha Kucha':** Cada aluno deverá preparar individualmente um seminário no modelo 'Pecha Kucha'. O seminário deve ser sobre um dos temas indicados na lista que está no final desta ementa. As leituras complementares categorizadas em temas que está disponível ao término da ementa tem como objetivo fornecer material bibliográfico para embasar o seminário. O seminário também pode ser feito com outros temas de interesse do aluno, desde que aprovado pelo docente responsável pela disciplina.

O seminário deve ser apresentado na forma de vídeo, cujo arquivo deve ser nomeado da seguinte forma: 'NúmeroUsp - TEMA - PechaKucha MEA 0003 Turma 2025'. Arquivos cujo nome não esteja neste formato não serão recebidos. Exemplo de nome de arquivo "3715715 – Iconografia Marajoara – PechaKucha MEA 0003 Turma 2025". Atenção: o primeiro slide deve incluir: Título, Nome, Número USP, Curso (e.g. História), Ano (2025).

Para referência recomendamos que assistam os seminários preparados em anos anteriores da disciplina e que estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/channel/UCCL3pz4e9pmEzli8KAGFzHg>

Pecha Kucha é um modelo de seminário no qual a apresentação deve ser feita - obrigatoriamente - com base em 18 slides de 20 segundos cada, totalizando uma apresentação de seis minutos. A ideia é que este formato contribua ao desenvolvimento de habilidades importantes como a capacidade de síntese, estruturação das ideias, comunicação e narrativa. Recomenda-se assistir na internet a exemplos deste tipo de apresentação.

Visite o site <https://www.pechakucha.com/>.

**Verbetes Wikipedia:** Como trabalho complementar para melhoramento de nota ou recuperação, poderá ser preparado um verbete na Wikipedia sobre algum sítio arqueológico do Brasil ou tema diretamente relacionado ao curso. Este trabalho não é obrigatório. Recomenda-se conhecer VerbetesWiki feitos no âmbito desta disciplina para referência: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a\\_de\\_Piragiba](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_de_Piragiba)

**Frequência:** A frequência será controlada pela entrega dos TVLs e pela assinatura da lista.

**NOTA FINAL** = ((Prova1 x 2,5) + (Prova2 x 2,5) + (TVL x 1) + (Pecha Kucha x 4) + (Verbetes Wiki x 2,5))/10

**Nota mínima para aprovação:** 5.

Prova substitutiva apenas mediante justificativa com documentação comprobatória em acordo com regimento da USP.

**Não há prova de recuperação**, pois a preparação do Verbetes Wiki permite a recuperação da nota.

**ATENÇÃO:** Os slides das aulas serão disponibilizados. É proibido fotografar ou gravar a aula.

## AULA 1 – INTRODUÇÃO: EXISTE UMA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA?

Apresentação do programa, calendário e métodos de avaliação. Discussão sobre a natureza da pesquisa arqueológica no Brasil. Faz sentido falar em pré-história brasileira? Conceitos alternativos como Antiguidade Ameríndia ou história indígena de longa duração são mais apropriados. Existe algo que se possa chamar de ‘arqueologia brasileira’?

### *Leitura principal*

- Bueno L. 2019. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’? Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 14:477-495.
- Neves EG. 2015. Existe algo que se possa chamar de ‘arqueologia brasileira’? Estudos Avançados 29: 7-17.

## AULA 2 - A TECNOLOGIA LÍTICA E A DISPERSÃO DO *HOMO SAPIENS* PELO GLOBO

Nesta aula será apresentada uma breve revisão sobre os principais eventos da evolução humana desde o último ancestral comum com o chimpanzé até o surgimento do gênero *Homo*. Será apresentado o registro fóssil que embasa diferentes modelos de dispersão para fora da África de hominíneos pré-sapiens, com ênfase ao sítio de Dmanisi na Geórgia e aos fósseis do sudeste asiático. A partir daí a aula foca nos processos de dispersão para fora da África dos grupos de humanos modernos apresentando em algum detalhe o debate entre o chamado modelo multi-regional e o da substituição completa. Finalmente, a evidência genética para a origem africana do *Homo sapiens* e da miscigenação com hominíneos arcaicos (e.g. Neandertais e Denisovanos) será recapitulada. As populações do Novo Mundo tiveram origem no nordeste asiático e, portanto, a aula terminará com uma revisão do registro arqueológico da Sibéria e do Ártico – remontando há 45 mil anos atrás.

### *Leitura principal*

- Allan A, et al. 2015. Origem e dispersão dos humanos modernos. In: Neves WA, Rangel MJ, Murrieta RSS. (orgs.) Assim caminhou a humanidade. São Paulo, Editora Palas Athena, Capítulo 7, pp. 242-280, 2015.
- Prous, A .1986/90. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. Arquivos do Museu de História Natural da UFMG, v. 11, p. 1-90.



tiplas formas e expressões ao longo do território brasileiro. Será apresentada uma revisão das principais expressões desta tecnologia no território brasileiro incluindo as lesmas Itaparica, as pontas de projéteis Umbu, núcleos laminares, e indústrias 'expeditas' de Lagoa Santa. Será apresentada uma caracterização básica da megafauna pleistocênica, incluindo uma breve discussão sobre as causas de sua extinção bem como sobre a natureza de sua interação com os grupos humanos do Novo Mundo. Ao término da aula serão abordadas as pinturas rupestres em Minas Gerais.

#### *Leitura principal*

- ISNARDIS, Andrei. Semelhanças, diferenças e redes de relações na transição Holoceno-Pleistoceno e no Holoceno inicial, no Brasil Central. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 14(2), p. 399-427, 2019.
- ARAÚJO, A.; OKOMURA, M. Fronteiras e identidades na pré-história: uma análise morfométrica de pontas líticas bifaciais do Sudeste e Sul do Brasil. Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. 17, n. 30, 2017, p. 39-62.

## AULA 7 – SAMBAQUI: SOCIEDADES MARÍTIMAS DA COSTA ATLÂNTICA

O litoral do Brasil, entre aproximadamente oito e dois mil anos antes do presente, abrigou em seus ambientes lagunares e estuarinos sociedades marítimas que não produziam cerâmica ou praticavam agricultura, mas que, ainda assim, foram extremamente populosas. Estes grupos são reconhecidos arqueologicamente por centenas de montículos construídos com conchas e ossos de peixes. Os sambaquis foram frequentemente utilizados como estruturas funerárias e seu uso recorrente ao longo de séculos/milênios resultou em edificações monumentais que, em alguns casos, atingiam mais de 50 metros de altura e incluíam milhares de sepultamentos humanos. Ao longo do Holoceno médio, ocorre um processo contínuo de sedentarização, adensamento demográfico e complexificação social dessas comunidades litorâneas (i.e. sambaqueiros). Cerca de 2000 anos atrás, tem início uma drástica mudança com a substituição dos sambaquis por sítios rasos, sem conchas e com restos cerâmicos típicos dos grupos Jê do planalto. Finalmente, pouco antes da chegada dos colonizadores europeus, ocorreu a migração massiva de grupos Tupinambá e Guarani para a costa. Representaria o fim dos sambaquis, um dos eventos de substituição dêmica mais expressivos da América pré-colonial?

#### *Leitura principal*

- Villagran XS. 2013. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. Revista do MAE 23: 139-154.
- DeBlasis P, et al. 2014. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. Revista do MAE 24:109-136.

## AULA 8 –PROVA 1

### AULA 9 - ARQUEOLOGIA TUPIGUARANI

No momento da invasão européia no século XVI, as línguas Tupi-Guarani eram faladas por grupos humanos que se dispersaram por uma área continental que incluía grande parte da costa atlântica, os pampas do sul e praticamente toda a extensão da floresta amazônica, da foz até os sopés dos Andes. Entender estes processos de dispersão e as causas a eles subjacentes, figuram entre os temas clássicos da Arqueologia Brasileira. Serão apresentados os distintos modelos de expansão Tupi-Guarani bem como a discussão sobre o local de origem. Nesta aula, apresentaremos uma breve introdução linguística e etnográfica sobre os grupos Tupi-Guarani, retomando os relatos de cronistas do século XVI e temas clássicos da antropologia do século XX como a antropofagia e a busca pela Terra sem Mal. Na sequência, iremos conhecer a diversidade de vasos e outros utensílios cerâmicos produzidos por esses grupos e que constituem o principal correlato material de sua existência para os estudos arqueológicos sobre o tema.

#### *Leitura principal*

- Fausto C. 1992. Fragmentos de história e cultura Tupinambá.
- Noelli FS. 1996. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia 39:7-53.

### AULA 10 – OS POVOS JÊ E OS CERAMISTAS DO CENTRO AO SUL DO BRASIL

Por volta do século VI d.C., levas migratórias oriundas do sudoeste amazônico começaram a se estabelecer no Centro-oeste brasileiro. A presença de extensa mata tropical de interior ofereceu as condições ideais para o desenvolvimento de pelo menos duas sociedades agrícolas na região: a leste e anterior, focando no cultivo de milho, os ceramistas da tradição Aratu; a oeste e posterior, focando no cultivo de mandioca, os ceramistas da tradição Uru. No século IX d.C. estes grupos já estavam plenamente estabelecidos em dezenas de aldeias circulares de até 600 metros de diâmetro, chegando a abrigar entre 1000 e 2000 indivíduos. A presença de dois ou três anéis concêntricos, contendo diversas manchas de terra pretas interpretadas como habitações, confirma o adensamento demográfico atingido por esses grupos. De forma geral pressupõe-se que fossem os ancestrais dos grupos falantes de línguas macro-Jê. A tradição Aratu é reconhecida por um conjunto cerâmico caracterizado pela baixa ocorrência de decoração que inclui vasilhames piriformes e globulares de diferentes tamanhos, destacando-se grandes potes para armazenagem de líquidos e grãos, urnas funerárias, pequenas vasilhas geminadas, rodela de tortual de fuso e cachimbos tubulares.

Nesta aula, também veremos a etnografia e arqueologia dos grupos falantes de línguas da família Jê meridionais, que teriam chegado ao sul e sudeste desde o planalto central. A via de entrada destes grupos é ainda discutida, mas os dados linguísticos e arqueológicos sugerem a região nordeste de São Paulo e sudeste de Minas Gerais, onde estaria a origem das línguas proto-Jê meridionais. Estes grupos são conhecidos etnograficamente como Kaingang e Xokleng e sua manifestação arqueológica é agrupada na Tradição cerâmica Itararé-Taquara. A chegada dos Guaranis, há ca. 2.200 anos atrás, teria causado profundas transformações na organização social e política dos grupos Jê arqueológicos que habitavam nas chamadas "casas subterrâneas" e exploravam a mata de Araucárias. Mais ao sul do país e contemporâneos com os Jê meridionais, a cultura de construtores de cerritos dominou o pampa, com as suas plataformas e aldeias elevadas onde se morava e, muitas vezes, sepultava os mortos.

#### *Leitura Principal*

- Soares J. 2013. Discutindo a tradição Aratu: proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica. Revista do MAE 23:61-77.
- Nikulin A. 2020. Proto-macro-Jê: um estudo reconstrutivo. Tese de Doutorado UNB. [Parte 1.1 (pgs 1-30); parte 1.3 (pgs 38-53); parte 3.3 (pgs 177-178).
- Índios do Sul – Eduardo Bueno – Buenas Ideias [link](#)

## AULA 11 – TECNOLOGIA CERÂMICA, DOMESTICAÇÃO/AGRICULTURA E LINGUÍSTICA HISTÓRICA – por Marcony Alves

A aula será dividida em três tópicos introdutórios que permitirão a compreensão dos contextos mais recentes (c. de 5 mil anos AP) da ocupação humana e diversificação cultural do passado pré-colonial do atual território brasileiro. O tópico primeiro trata da importância da tecnologia cerâmica e sua vinculação (ou não) com uma transição de modos de vida baseados na caça e coleta para a agricultura na América do Sul. Serão debatidas noções de domesticação, cultivo, manejo, policultura, "neolítico", "revolução Neolítica" e sua versão para o Novo Mundo, o "formativo". A associação entre cerâmica e agricultura não é universal. Como se verá, os processos históricos precisam ser compreendidos dentro das especificidades continentais, regionais e locais. O segundo tópico é o conhecimento envolvido na produção da cerâmica, os métodos e, principalmente as possibilidades para seu estudo. Foco especial será dado para o processo de produção, a partir da noção de "cadeia operatória". O último tópico são as tentativas de correlacionar estilos cerâmicos e a distribuição de famílias linguísticas, um tema chave na arqueologia brasileira. Os avanços e desafios recentes para essas correlações serão apresentados de modo geral.

#### *Leitura principal*

- Neves E. 2016. Não existe neolítico ao sul do equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. Em: Barreto C, Lima HP, Betancourt

CJ. (Orgs.). Cerâmicas arqueológicas da Amazônia - rumo a uma nova síntese. pp 32 -39.

- Lathrap D. 1975. As línguas do Alto Amazonas: contribuição para o estudo das migrações do passado e da demografia antiga. In \_\_\_\_O Alto Amazonas. Lisboa: Editora Verbo,pp. 73-89.
- Nimuendajú C. (1981) Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Rio de Janeiro: IBGE. Apenas observação de diversidades, períodos, povos, línguas. Nenhum texto.]

## AULA 12 - ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA: COMPLEXIDADE SOCIAL E O ANTROPOCENO

A aula terá início com a discussão sobre a existência dos ‘cacicados’ amazônicos, particularmente no que se refere à cultura Marajoara. De acordo, será detalhada as múltiplas formas com que a prática de ‘arquitetura de terra’ (*earthworks*) se apresenta ao longo da amazônia, incluindo os tejos marajoara, geoglifos do Acre e Rondônia e estruturas defensivas na forma de paliçadas e fossos ao redor das aldeias. O debate sobre a origem local ou externa dos grupos complexos da Amazônia será apresentado e utilizado como gancho para introduzir o conceito de Antropoceno. O estudo arqueológico – em conjunto com a ecologia histórica - foi fundamental para a mudança paradigmática segundo a qual a Amazônia deixa de configurar uma floresta virgem ou um inferno verde inóspito à ocupação humana. Os dados que permeiam esse debate serão apresentados incluindo a complexidade e densidade das ocupações humanas no passado, tal como exemplificado pelas antigas aldeias do Xingu cujos tamanhos e disposição caracterizam verdadeiras *polis* amazônicas, bem como as marcas da presença humana tais como a conformação das florestas oligarcas e dos extensos campos de terras pretas.

As cerâmicas mais antigas da América encontram-se na Amazônia brasileira e regiões vizinhas. No Brasil, também é na Amazônia que se encontra a maior diversidade de formas e decorações cerâmicas. O surgimento e generalização do uso da cerâmica é, muitas vezes, associado ao processo de domesticação e nesta aula iremos apresentar se e como essa relação também se observa na Amazônia. Serão apresentados os esquemas classificatórios clássicos para a cerâmica amazônica que remontam à década de 1960 (Hachurado Zonado, Borda Incisa, Policroma e Inciso Ponteadado) bem como os debates atuais sobre tema (e.g. Pocó, Açutuba). As cerâmicas da Venezuela e Guianas tiveram um papel importante no estudo do material amazônico e serão brevemente apresentadas. A relação entre grupo linguístico e tipo cerâmico, muito comum na Arqueologia Amazônica, será debatida à luz da caracterização de três grandes grupos linguísticos que ocorrem na região: Arawak, Karib e Tupi. Será dada ênfase a dois contextos arqueológicos icônicos da Amazônia nos quais muitos reconhecem as formas mais elaboradas da produção cerâmica do Brasil: as cerâmicas Santarém e Marajoara. Além da cerâmica, serão brevemente apresentados os artefatos em pedra - como ídolos e muiiraquitãs – que também são elementos típicos da Arqueologia Amazônica.



## Temas para seminário 'Pecha Kucha'

Obs: Podem ser sugeridos outros temas que não os que constam abaixo, desde que sejam pertinentes à disciplina e aprovados pelo docente responsável.

A cerâmica Aratu

A cerâmica Tupigurani

A fase Guarita

A tradição Itaparica

A tradição Umbu

Aldeias circulares do Brasil central

Antropofagia Tupinambá – correlatos arqueológicos

Arqueologia da Diáspora Africana

Arqueologia da música (instrumentos musicais em Santarém)

Arqueologia da resistência

Arqueologia indígena (feita para, com e por)

Arqueologia industrial

Arqueologia quilombola

Arqueologia subaquática (naufrágios)

Arqueologia urbana

Arquitetura de Terra no Brasil pré-colonial

Arte Rupestre na Amazônia

Arte Rupestre na Serra da Capivara

Arte Rupestre no Brasil Central (Tradição Planalto)

Arte Rupestre no Nordeste (Tradição Agreste e Nordeste)

As *polis* Xinguanas

Cacicados da Amazônia

Casas subterrâneas





Paleoclima

Produção de alimentos em sambaqui

Quando começou o Antropoceno?

Samba-Jê e o fim dos sambaquis

Sambaquis fluviais

Sambaquis fora do Brasil

Santa Elina – ocupações Pleistocênicas no Mato Grosso

Tangas Marajoara

Tecnologias de navegação entre sambaquieiros

Terra preta de índio

Younger dryas